

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020. Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Educação e Relações Étnico-Raciais.**

## **INVADINDO ESCOLAS COM HISTÓRIAS NEGRAS: OS BLACK POWERS DE TAYÓ E AKIN, DE KIUSAM DE OLIVEIRA**

Dênis Moura de Quadros<sup>1</sup>

### **Resumo**

A lei 10.639/03 prevê a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura de africana e afro-brasileira, contudo, há uma lacuna na aplicação da lei, em especial na Literatura. Pensando nessa lacuna é que proponho esta proposta didática a partir da sequência básica (COSSON, 2009) de duas obras “O mundo no black power de Tayó” (2013), escrito por Kiusam de Oliveira com ilustrações de Taisa Borges e “O black power de Akin” (2020), escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade. Ambas as obras destacam a ancestralidade africana e a representatividade negra permitindo a reflexão acerca do racismo. A proposta visa refletir sobre a construção da autoestima das crianças negras frente a um padrão eurocêntrico ainda pouco desconstruído na sociedade e nas escolas brasileiras. Desses cabelos ora raspados, nos homens negros, ora alisados, nas mulheres negras, irrompem nas narrativas como reconhecimento e busca dessa ancestralidade. Ainda, nos serve de base teórica as discussões de Nilma Lino Gomes (2008) e Lélia Gonzalez (2018) em que a consciência de ser negro e a busca da valorização dessa realeza (re) negada parte, em grande parte, dos cabelos armados, em riste, verdadeiras coroas que permitem vários penteados, mas marcadamente o black power.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, área de concentração História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG. E-mail: denisdpg10@gmail.com

Palavras-chave: Ancestralidade negra; Representatividade; Sequência Básica.

## Introdução

Ao entrarmos em uma loja de brinquedos é visível, além da divisão heteronormativa dos brinquedos, a falta de bonecas negras nos estoques dessas lojas. Claro que, com o passar dos anos, essa lacuna tem sido preenchida, mas ainda é lacunar. Além disso, é preciso citar a pesquisa *Wish a Doll (Black Doll With the Doll Experiment)* do casal Kenneth e Mamie Clark que data de 1939 em que as crianças, negras e brancas, respondem um questionário frente às duas bonecas: uma branca e outra negra. À boneca branca são atribuídos os adjetivos de bela, legal, bondosa e, em contraposição, à boneca negra são atribuídos os antônimos dos adjetivos: feia, péssima, má. Ainda, as crianças foram questionadas da boneca parecida com elas e elas, com certo receio, indicam a boneca negra.

Assim, ecoamos o refrão: “Meninas negras não brincam com bonecas pretas”, do rap *Falsa abolição* (2013) de Negra Jack e Preta Rara, autora do livro *Eu empregada doméstica: A senzala moderna é o quartinho da empregada* (2019) em que discorre, dentre outros temas, da falta de representatividade negra nos espaços hegemônicos e a realocação dos sujeitos negros a espaços subalternizados e marginalizados. São pelo menos dois os motivos dessas crianças negras não brincarem com bonecas também negras: o primeiro é a falta do produto no mercado que concorre deslealmente com marcas famosas que lideram as vendas há mais de oitenta anos. O segundo é o preço dessas poucas bonecas negras quando disponíveis nas gôndolas, preços exorbitantes se comparado às outras bonecas. Contudo, ambos os motivos convergem para um fato: falta representatividade negra mesmo em meio a um capitalismo crescente que vende cada dia mais produtos para cabelos cacheados e crespos.

Se na mídia, os corpos negros são representados a partir de dois estereótipos que se desdobram em outros: o homem negro marginalizado na figura do bandido e a mulher negra sexualizada na figura da mulata; na literatura esse cenário não muda, ao contrário, perpetua os mesmos estereótipos. Já os livros didáticos, em especial, não apresentam personagens

negros e quando os fazem é de forma pejorativa em que os meninos negros são infratores e as mulheres negras empregadas domésticas. Além disso, a literatura brasileira produzida para crianças traz como cânone as obras de Monteiro Lobato (1882-1948) em que o “Saci” é descrito como um menino negro que apronta uma gama de ações negativas, “Tia Nastácia” é a cozinheira, de pouco estudo e cujas histórias contadas são apenas crendices e “Tio Barnabé” é a representação do escravo idoso dócil, a figura já cristalizada de Pai João, escravo submisso.

Assim, partindo da falta de representatividade positiva de figuras negras, passamos ao processo de autorreconhecimento desses alunos leitores que chamamos de *negritude*. Compreendemos negritude como um processo duplo de reconhecimento e de busca por uma história diferente daquela contada pela História Oficial que marginaliza e subalterniza os negros. Essa compreensão vai ao encontro do conceito de negritude defendido por Zilé Bernd em que a negritude: “[...] é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra.” (BERND, 1984, p. 20). Identidade negra essa que rompe com os estereótipos pejorativos postos e recria outros mais condizentes com a cultura africana e afro-brasileira.

Pensando em um caráter pedagógico podemos perceber, por vezes, a manutenção do *status quo* da sociedade em que o espaço delegado aos negros e seus descendentes é o da base econômica do país. Quando aparecem, as figuras negras representam a fome, o desemprego, a criminalidade e, quando retratam as profissões, pedreiros, se homens, e empregadas domésticas, se mulheres.

Kiusam de Oliveira (1965- ), além de *Om̃-Oba: Histórias de princesas* (2009), publicou *O mundo no Black de Tayó* (2013), *O mar que banha a Ilha de Goré* (2014), ambos com ilustrações de Taísa Borges, e *O Black Power de Akin* (2020), ilustrado por Rodrigo Andrade. Das obras de Kiusam de Oliveira podemos depreender sua preocupação com a negritude e a representatividade de suas personagens, todas negras. Além disso, há um engajamento da autora, doutora em educação pela USP (Universidade de São Paulo) e docente na Universidade Federal no Espírito Santo, na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais, com o resgate da ancestralidade africana que ocorre,

por exemplo, em *O mar que banha a Ilha de Goré* (2014) em que a protagonista brasileira Kika faz a travessia inversa de seus ancestrais retornando à África.

A proposta de leitura desse artigo é indicada para alunos do 5º ao 6º anos do ensino fundamental, leitor pressuposto esse na faixa etária dos 10 aos 12 anos de idade. São leitores mais maduros que já compreendem a ordem sintática do português brasileiro e, também, são leitores mais conscientes dos fatos que ocorrem a sua volta como, por exemplo, o racismo estrutural, pelo menos esse é um dos objetivos dessa proposta.

Nilma Lino Gomes (1995) discute os estereótipos dedicados às mulheres negras que acabam por lhes subalternizar ao concluir que: “Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais.” (GOMES, 1995, p. 115), destacando que desde que a primeira Ancestral foi escravizada houve resistência, deixando para traz a figura submissa da Mãe Preta que aceita calada os insultos a ela dirigidos.

A autora negra, ainda, pensando nessa questão afirma que: “Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza (...) Contraditoriamente, (...) essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer.” (GOMES, 2008, p. 181). Nilma Lino Gomes (2008) traz a cena em que, quando criança, sua mãe penteava-lhe os cabelos, os cabelos crespos das meninas negras puxados e atados em um ou mais coques. Nilma rememora, ainda, as estratégias dos irmãos tentando entretê-la para que a dor fosse mais suportável, talvez. Ainda, a violência nos cabelos persegue essas mulheres que, na adolescência, o alisam, quebrando a estrutura natural do fio e machucando o couro cabeludo. Ao “renascerem” e se permitirem “negras” ainda recebem as críticas e os risos do “cabelo duro”, das perguntas de como é lavado, de como é cuidado e as insistentes tentativas de tocar na coroa africana, mas não estão sós no resgate cultural, há muitas outras irmãs que renascem também.

Lélia González (1984), partindo de seu lugar de fala, afirma que na estrutura social brasileira: “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostitua” (GONZALEZ, 1984, p. 226), essa

naturalização da condição da mulher negra é, também, refletida na Literatura. Incluindo as “mulatas”, essas duas figuras são atualizadas socialmente pelo mito da democracia racial que vela o racismo no Brasil. E é a partir desses estereótipos que Kiusam de Oliveira rompe e reconstitui a representatividade negra.

### **Enegrecendo o mundo com *O Black Power de Tayó***

Ilustrado por Taísa Borges, *O mundo no black power de Tayó* (2013) traz a figura da menina Tayó, negra resgatando os traços fenotípicos africanos e refletidos de forma positiva rompendo com o racismo estrutural. A menina Tayó tem 6 anos de idade e vai sendo nos apresentada aos poucos, destacando seus traços negros e os inúmeros enfeites, escolhidos por ela mesma, em seu cabelo black power.

Como primeiro momento de motivação, pensamos em propor uma aula discutindo sobre os cabelos afros, trazendo alguns penteados e suas histórias como, por exemplo, as tranças que no processo afrodiaspórico indicavam as rotas de fuga para os quilombos mais próximos. Com essa primeira discussão abrimos para a desconstrução de que, engendrado pelo racismo estrutural, o cabelo negro é “ruim”, “duro” ou outros adjetivos pejorativos.

A introdução, normalmente, nos remete a apresentação de uma breve biografia da autora e da ilustradora, bem como o destaque para outras obras publicadas de Kiusam. Nessa introdução ao livro, ainda, é importante mostrar a capa do livro aos alunos, passando os livros para serem manuseados. Essa edição tem capa dura e é alongada e apresenta a sombra de uma Tayó e seu black power que pode carregar o mundo.

Logo que abrimos o livro, na parte interna da capa e contracapa, somos brindados com muitas cores e desenhos abstratos que lembram pássaros e outros que lembram flores. Essa mescla de cores lembram os tecidos africanos e a estética das roupas alegres, estampadas e coloridas. A paleta de cores escolhida por Taísa Borges é percebida em toda a obra, utilizando cores vibrantes e vivas, bem como elementos, mesmo que abstratos, da cultura africana e afro-brasileira.

A primeira menção à Tayó reflete a personalidade da protagonista em que, dotada de rara beleza, contagia a todos com sua alegria. A obra vai, então, descrevendo a menina Tayó: olhos negros; nariz largo comparado a uma pepita de ouro; lábios grossos como o orobô (*Garcinia kola*), até chegar ao seu Ori, sua cabeça com a coroa de cabelos em seu *Black Power*. Esse cabelo era enfeitado pela mãe com diversos materiais coloridos: flores, borboletas e laços.

A escola apresenta-se como um espaço opressivo em que a crianças, talvez, tenham os primeiros contatos com o racismo. Contudo, é preciso compreender que se de um lado o espaço escolar é opressivo e cruel, por outro é um espaço de resistência e de potencialidades de “criar fissuras” nessa estrutura do racismo. Tayó não passa por esse espaço sem ser ofendida por seu cabelo e, resistentemente, afirma que elas não podem carregar o mundo nos cabelos como ela consegue. Mesmo assim, as ofensas acabam abalando Tayó que é auxiliada pela força da ancestralidade.

*O mundo no Black Power de Tayó* (2013) encerra com a menina destacando a herança real dos descendentes de africanos. A coroa da princesa Tayó retoma os elementos dos *adés*, coroas africanas em palha da costa enfeitada com búzios e ouro. Essa ruptura é interessante ao passo que rompe com a naturalização de que os negros descendem de escravos e questiona que, na verdade, muitos desses escravizados foram reis, rainhas, caçadores, etc.

Como interpretação, pensamos na produção de cartazes de Tayó em que os alunos colocariam o que eles carregariam no *Black Power*. Essas imagens, em um segundo momento, serão expostas na escola, buscando a naturalização da beleza negra na escola. Ainda, expomos que essa atividade não serve apenas para a semana da consciência negra, ao contrário, esta é uma prática docente necessária e pertinente.

### **Enegrecendo a escola e retomando a ancestralidade com *O Black Power de Akin***

*O Black Power de Akin* (2020) é prefaciado pelo rapper Emicida (1985- ) que rememora sua infância de menino negro na escola pública brasileira.

Seguindo um objetivo central de desmistificar a descendência negra brasileira, como ocorre com Tayó, Akin também carrega uma coroa de cabelos em seu Black Power armado e pronto para o combate. Essas referências, contudo, passam por um processo de reconhecimento e de aceitação para, então, a recuperação da ancestralidade do protagonista.

A motivação para essa sequência básica fora pensada através dos movimentos negros que, diariamente, lutam pelo direito de igualdade e justiça como, por exemplo, o movimento *Black Lives Matter*, vidas negras importam, apresentadas no macacão e no capacete do carredor Lewis Hamilton (1985- ). A introdução segue uma apresentação de autor e ilustrador, bem como outros elementos gráficos. A capa da obra traz o menino Akin, de 11 anos, com seu Black Power em que predomina a cor verde do Orixá Oxóssi, rei de Keto de acordo com os *ítãs* deste Orixá chamado de Odé no Batuque do Rio Grande do Sul.

A obra traz, além do protagonista Akin de 11 anos, seu avô Dito Pereira, de 78 anos e seus irmãos Femi, de 4 anos, e Kayn, de 6 anos. Todos vivem em Noar, que lembra pela sonoridade a cor preta em francês, o *Noir*. De manhã, o cheiro do café de Seu Dito Pereira inicia bem os dias que se encerram com a contação de histórias, pelo avô, e a musicalização de instrumentos de origem africana como o berimbau.

Contudo, em uma manhã antes de ir para a escola encarando o espelho que, em certos momentos, acabam nos subalternizando, Akin não se reconhece como belo. O cabelo incomoda, os traços africanos incomodam e, então, molha as mãos e alisa ao máximo possível seus cabelos oprimidos por um boné de cor azul. O avô, ancestral atento, questiona o boné, mas Akin afirma ser moda na escola, escola em que ele é o único que o utiliza.

Já na escola, na hora da recreação seus amigos lhe chamam por dois apelidos, ao que retomamos Lélia González ao afirmar que negro tem que ter nome e sobrenome, caso contrário os brancos nos nomeiam do que jeito que eles quiserem. Os apelidos vão de Pelé a Buiú, fato que entristece muito Akin. Na brincadeira de polícia e bandido, Akin é vetado de ser a polícia por ser negro o que lhe faz chorar muito em sua cama.

Nesse interim, Akin sonha com um Ancestral seu, caçador, forte e alto que lhe indica que ele não deve chorar, pois descende de uma linhagem de

reis e rainhas africanos. De manhã, Seu Dito Pereira consola o neto e prepara uma pasta com gordura e ervas de cheiro, enquanto lhe apresenta um álbum de fotos de seus ancestrais. Akin compreende, então, que a coroa retirada pelos brancos de seus antepassados ecoa e ressoa em seu Ori através dos cabelos que crescem para cima, através de seu Black Power, poder negro ancestral.

Na sala de aula, recebendo os saberes de Dito Pereira, a professora junta os alunos e, nutrido de suas raízes e escutando as histórias do avô, Akin se apresenta como legítimo príncipe portando como arma seu pente garfo e como coroa seu Black Power. Na ilustração de Rodrigo Andrade, Akin veste uma roupa tecida em verde, cor de Oxóssi.

Como interpretação, a sugestão é a construção de um grande Baobá em que estejam afixados várias figuras negras, heróis e heroínas, de tempos passados e contemporâneos, organizando grupos de pesquisa sobre a importância dessas figuras para a população negra e suas contribuições para a cultura brasileira como, por exemplo, Abdias do Nascimento (1914-2011), um dos fundadores do TEN (Teatro Experimental do Negro), que rompeu com muitos estereótipos pejorativos.

### **Considerações finais**

Se tempos atrás era bem difícil encontrar bonecas negras nas lojas de brinquedo é correto afirmar que atualmente essa dificuldade tem sido atenuada. Não só encontramos bonecas negras como, também, uma infinidade de modelos que vão desde bonecas mais baratas a bonecas realistas, as *bebês reborn*, que têm peso de uma criança de verdade. O mesmo ocorre com os produtos para cabelos cacheados, antes alisados pelos produtos químicos agressivos e cancerígenos. Mas ainda encontramos uma lacuna acerca de obras da literatura para crianças e jovens que representem, de forma positiva, personagens negros.

Ainda, com algumas aberturas como a âncora Maju Coutinho (1978- ), não há representação negra na TV. E, mesmo quando conseguem romper com essa barreira racial recebem uma enxurrada de críticas como ocorreu com a

própria Maju assim que apareceu na tela do Jornal Nacional da rede globo quando ainda apresentava a previsão do tempo.

Assim, não representados nem na literatura, nem na mídia, a autoestima das crianças negras acaba por ser rebaixada ao máximo aceitando os adjetivos racistas que a sociedade mantém: feias, preguiçosas, intelectualmente atrasadas, entre outros. Uma das formas, e talvez a mais eficaz, de romper com essa situação/identificação seja o processo de negritude em que a cultura africana e afro-brasileira são resgatados e refletidos sobre outra ótica: os cabelos crespos são coroas reais, a cor da pele é o reflexo ancestral da melanina e conhece-se os reis e rainhas da mitologia africana.

O método de leitura pensado por Cosson (2009), a sequência básica, ainda nos permite uma leitura reflexiva e contextualizada que, ao motivar a leitura dos alunos, contribui para a formação desses leitores. Outra possibilidade que o método nos traz é a possibilidade de expandi-lo com mais de uma leitura em que é intercalado contextos históricos, sociais, políticos e outros que ampliam a próxima leitura. Ainda, a utilização das redes sociais, cada dia mais presentes nas vidas dos alunos, auxilia na divulgação da obra de Kiusam de Oliveira (1965- ) e na aplicação efetiva da Lei 10.639/2003 gerando reflexão e debate além dos muros da escola.

## **Referências bibliográficas**

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Ministério da Educação. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-veto-13762-pl.html>> Acesso em 23/07/2020.

CLARK, Mamie; CLARK, Kenneth. **Wish a Doll (Black Doll White Doll Experiment)**. 1939. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tkpUyB2xgTM>> Acesso em 02/08/2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. Ilustrações de Taísa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O black power de Akin**. Ilustração de Rodrigo Luís de Andrade. São Paulo: Editora cultura, 2020.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica**: A senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

TARJA PRETA. **Falsa abolição**. Direção de Dino Meneses, Michel Custódio e Renato Lone. Santos: Conceituall estúdio. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MB2LQIWWVKU>> Acesso em 02/08/2020.